

**EVIDÊNCIAS ADVINDAS DA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS DO
BRASIL PARA OS TIPOS DE *PERFECT*¹
PIECES OF EVIDENCE FOR THE TYPES OF PERFECT TAKEN FROM THE
ACQUISITION OF BRAZILIAN PORTUGUESE**

*Nayana Pires da Silva Rodrigues*²

*Adriana Leitão Martins*³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a aquisição no português do Brasil (doravante PB) dos três tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente, partindo da proposta de existência de nóculo(s) sintático(s) de *perfect* na representação estrutural da sentença. A partir dessa investigação, busca-se contribuir para o estudo da representação do conhecimento linguístico de *perfect*. A hipótese desta pesquisa é de que a emergência de *perfect* de resultado, *perfect* experiencial e *perfect* universal associados ao tempo presente ocorre simultaneamente na aquisição do PB. Para isso, realizamos um estudo de caso com dados de fala de uma criança adquirindo o PB extraídos longitudinalmente. Os dados obtidos revelaram a seguinte ordem de realização dos tipos de *perfect*: primeiramente, o *perfect* de resultado, depois, o *perfect* universal e, finalmente, o *perfect* experiencial. Dessa forma, refutamos a hipótese deste estudo. Logo, sugerimos que haja uma dissociação na representação linguística entre esses tipos de *perfect*, cada um deles projetando, respectivamente, os nós RePerfP, UPerfP e ExPerfP. Os traços alocados nos núcleos dessas

1 Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho. Os erros remanescentes são de nossa responsabilidade.

2 Bacharel em Fonoaudiologia e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Linguística pela UFRJ. E-mail: fono.nayana@gmail.com.

3 Professora Associada de Linguística do Departamento de Linguística e Filologia, do Programa de Pós-graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ. E-mail: adrianaleitao@letras.ufrj.br.

projeções seriam, respectivamente, resultativo, contínuo e experiencição. Defendemos, ainda, a seguinte estrutura hierárquica: ExPerfP > UPerfP > RePerfP.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aspecto *perfect*; *perfect* de resultado; *perfect* universal; *experiential perfect*.

ABSTRACT

This research intends to investigate the acquisition in Brazilian Portuguese of the three types of perfect, proposed by Pancheva (2003), associated with the present tense, assuming the existence of syntactic node(s) of perfect in the structural representation of the sentence. Based on this investigation, we aim to contribute to the study of the representation of linguistic knowledge of perfect. The hypothesis of this research is that the emergence of the resultative perfect, experiential perfect and universal perfect associated with the present tense occurs simultaneously in the Brazilian Portuguese acquisition. To this end, we developed a case study, with speech data longitudinally retrieved from a child in the process of acquiring Brazilian Portuguese. The obtained data revealed the following order of realization of the perfect types: resultative perfect, universal perfect and experiential perfect. This way, we refuted the hypothesis of this study. Thus, we suggest that there is a dissociation in the linguistic representation of these types of perfect, each one of them projecting, respectively, the nodes RePerfP, UPerfP and ExPerfP. The features heading these projections would be, respectively, resultative, continuous and experience. We also argue in favor of the following structural hierarchy: ExPerfP > UPerfP > RePerfP.

Keywords: language acquisition; perfect aspect; resultative perfect; universal perfect; experiential perfect.

Introdução

Apesar de ser classificado como aspecto por Comrie (1976), o *perfect* apresenta características diferentes dos aspectos gramaticais (perfectivo e imperfectivo). Enquanto esses últimos são definidos como aqueles que expressam a constituição temporal interna de uma situação, o *perfect* não possibilita a expressão de nada a respeito da temporalidade interna à situação em si, mas possibilita o estabelecimento da relação entre o momento da situação e um determinado ponto de referência (COMRIE, 1976; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003). Além disso, o aspecto *perfect* se associa ao aspecto perfectivo ou ao aspecto imperfectivo ao ser veiculado (COMRIE, 1976).

O *perfect* pode ser classificado de formas diferentes, dependendo do autor. Para esta pesquisa,

utilizaremos a proposta de Pancheva (2003), que divide o *perfect* em três tipos, a saber: *perfect* universal, *perfect* experiencial e *perfect* de resultado. Com relação às propostas de representação estrutural dessa categoria sintática, Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003) advogam a favor de um único nóculo, o PerfP, na árvore sintática, enquanto Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018) afirmam que são necessários dois nósculos, o UPerfP e o EPerfP⁴.

Esta pesquisa pretende utilizar dados de aquisição de linguagem para investigar quantos e quais nósculos funcionais estão relacionados à categoria de *perfect* na representação estrutural da sentença. Guilfoyle e Noonan (1992) afirmam que os princípios e suas disponibilidades paramétricas estão presentes na gramática universal das crianças desde o nascimento, porém, para que o processo de parametrização seja efetuado, há a necessidade de maturação biológica e cognitiva por parte da criança. As autoras ainda afirmam que, nas fases iniciais de aquisição, só temos a produção de elementos pertencentes às categorias lexicais e que elementos pertencentes às categorias funcionais emergiriam na fala da criança seguindo um cronograma maturacional.

Assumindo que o *perfect* projete uma(s) categoria(s) funcional(is) na árvore sintática, esta pesquisa tem como objetivo investigar as emergências de *perfect* universal, de *perfect* experiencial e de *perfect* de resultado associados ao tempo presente na aquisição do PB⁵. Dessa forma, buscamos contribuir para o estudo da representação do conhecimento linguístico de *perfect* no que diz respeito à proposta de existência de um, dois ou mais nósculos sintáticos associados a essa categoria funcional, bem como a hierarquia entre eles. A hipótese sugerida para esta pesquisa é de que as emergências do *perfect* universal, do *perfect* experiencial e do *perfect* de resultado associados ao tempo presente se dão simultaneamente na aquisição do PB. Como mais bem explorado ao final da seção 1, tal hipótese de pesquisa tem como motivação a proposta de existência de um único sintagma de *perfect* na representação estrutural da sentença (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003).

Na primeira seção deste trabalho, apresentamos fundamentos teóricos da pesquisa; na segunda seção, expomos a metodologia escolhida para este estudo; na terceira seção, apresentamos os resultados obtidos e as discussões; e, por fim, dedicamos a quarta e última seção às considerações finais.

4 Esses dois nósculos seriam respectivamente relacionados ao *perfect* universal e ao *perfect* existencial, os quais serão abordados nos pressupostos teóricos.

5 O presente artigo é derivado da dissertação de mestrado produzida pela primeira autora deste artigo sob a orientação da professora doutora Adriana Leitão Martins, na qual, através da análise de um *corpus* longitudinal de uma criança adquirindo o português do Brasil (doravante PB), foi analisada a aquisição dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981) e por Comrie (1976).

1. Pressupostos Teóricos

Segundo Comrie (1976), o *perfect* seria o aspecto que relaciona uma situação presente a uma situação no passado. Apesar de, nessa definição, Comrie (1976) tomar o momento presente como o momento de referência para o estabelecimento do *perfect*, o próprio autor afirma que os tempos passado e futuro podem ser tomados como momento de referência para a expressão desse aspecto. Abaixo, temos exemplos do inglês. No exemplo (1), temos uma sentença apenas com o aspecto gramatical perfectivo. Já no exemplo (2), temos uma sentença com o perfectivo e o aspecto *perfect* (COMRIE, 1976, p.52):

(1) *I lost my penknife.*

I lost my penknife
PRO perder.1SG.PASS.PFV meu canivete
'Eu perdi meu canivete.'

(2) *I have lost my penknife.*

I have lost my penknife
PRO ter.1SG.PRS perder.PART meu canivete
'Eu perdi meu canivete.'

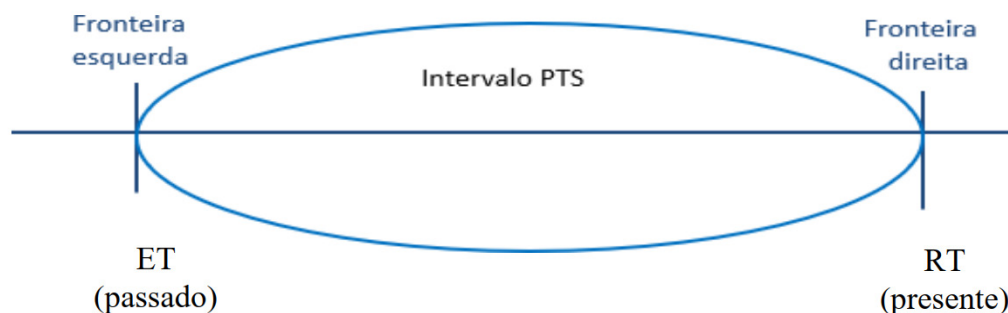
A utilização do aspecto *perfect* no exemplo (2) tem como objetivo transmitir a ideia de que o canivete foi perdido em algum momento no passado e o estado da perda do canivete permanece até o momento presente. A mesma interpretação não pode ser realizada a partir da sentença presente no exemplo (1), no qual a única interpretação possível seria de que o canivete foi perdido em algum momento no passado e a situação da perda do canivete não tem relevância para o momento presente.

Segundo Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), uma forma de diferenciar o *simple past* (tempo passado e aspecto perfectivo) do *present perfect* (tempo passado e aspecto *perfect* associado ao perfectivo ou ao imperfectivo) seria através da relação dessas formas verbais com certos advérbios/expressões adverbiais. Advérbios/expressões adverbiais como *yesterday* (ontem) e *in 1959* (em 1959) podem ocorrer com o *simple past*, mas não com o *present perfect*. Já advérbios/expressões adverbiais como aquelas iniciadas por *since* (desde) podem se associar ao *present perfect*, mas não ao *simple past*.

A relação de compatibilidade/incompatibilidade entre *present perfect* e certos advérbios/expressões adverbiais é conhecida na literatura como *Perfect Puzzle* (quebra-cabeça do *perfect*) e é proporcionada pelo intervalo temporal estabelecido pelo aspecto *perfect*. Autoras como Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) e Pancheva (2003) chamam esse intervalo temporal de *Perfect*

Time Span (doravante PTS). Esse intervalo inclui o ET (tempo do evento) e o RT (tempo de referência). No caso do *present perfect*, teríamos como RT o tempo presente. Dessa forma, temos um intervalo de tempo com uma fronteira esquerda, associada ao momento da situação, e com uma fronteira direita, associada ao momento presente. A seguir, temos a representação esquemática do intervalo PTS.

Figura 1: Representação esquemática do intervalo PTS para o *present perfect*.



Fonte: Nespoli (2018, p.57, adaptado).

Há diversas classificações para o aspecto *perfect* na literatura. Para esta pesquisa, utilizamos a proposta de classificação de Pancheva (2003). Segundo essa classificação, temos três tipos de *perfect*: universal, experiencial e de resultado. A autora afirma que a diferença entre esses tipos de *perfect* é de caráter gramatical.

O *perfect* universal representa uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um intervalo delimitado por um certo tempo no passado e pelo tempo do enunciado, como apresentado em (3) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(3) *Since 2000, Alexandra has lived in L.A.*

since 2000 Alexandra has lived in L.A.

desde 2000 Alessandra ter.3SG.PRS viver.PART em L.A.

‘Desde 2000, Alessandra tem vivido/vive/está vivendo em L.A.’

Nesse caso, temos a situação de Alessandra ter se mudado para L.A. em algum momento do passado (no ano 2000) e de continuar morando nesse local até o momento presente.

O *perfect* experiencial representa uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um subconjunto apropriado de um intervalo, estendendo-se do momento da enunciação de volta ao momento do evento enunciado, como apresentado em (4) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(4) *Alexandra has been in L.A. (before).*

Alexandra has been in L.A. (before)

Alessandra ter.3SG.PRS estar.PART em L.A. (antes)

‘Alessandra já esteve em L.A. (antes).’

O exemplo indica que Alessandra esteve em L.A. pelo menos uma vez no passado e que essa experiência permanece no presente.

Já o *perfect* de resultado, além de representar uma situação na qual a eventualidade subjacente estende-se através de um subconjunto apropriado de um intervalo, estendendo-se do momento da enunciação de volta ao momento do evento enunciado, representa o resultado dessa eventualidade sustentando-se até o momento da enunciação. Em outras palavras, Pancheva (2003) afirma que só temos uma situação de *perfect* de resultado quando temos um resultado que pode ser visualizado no momento de fala. Podemos ver um exemplo desse tipo de situação em (5) a seguir (PANCHEVA, 2003, p.277):

(5) *Alexandra has (just) arrived in L.A.*

Alexandra has (just) arrived in L.A.

Alessandra ter.3SG.PRS (recentemente) chegar.PART em L.A.

‘Alessandra (recentemente) chegou em L.A.’

No exemplo, temos como resultado da chegada de Alessandra o fato de ela ainda estar no local.

Uma classificação de *perfect* proposta anteriormente a de Pancheva (2003) é encontrada em McCawley (1981). Para essa classificação, o *perfect* é dividido em universal e existencial. O *perfect* universal representa situações que se iniciaram no passado e que persistem até o momento presente, como podemos ver em (6) a seguir (MCCAWLEY, 1981, p.81):

(6) *I've known Max since 1960.*

I have known Max since 1960

PRO ter.1SG.PRS conhecer.PART Max desde 1960

‘Eu conheço Max desde 1960.’

No caso apresentado acima, temos o fato de eu ter conhecido Max em algum momento do passado (no ano 1960) e de continuarmos sendo conhecidos/amigos até o momento presente.

Já o *perfect* existencial representa situações que ocorreram no passado e ainda possuem repercussão no momento presente, como podemos ver no exemplo a seguir (MCCAWLEY, 1981, p.81):

(7) *I have read* “Principia Mathematica” *five times*.

I have read “Principia Mathematica” five times

PRO ter.1SG.PRS ler.PART “Principia Mathematica” cinco vezes

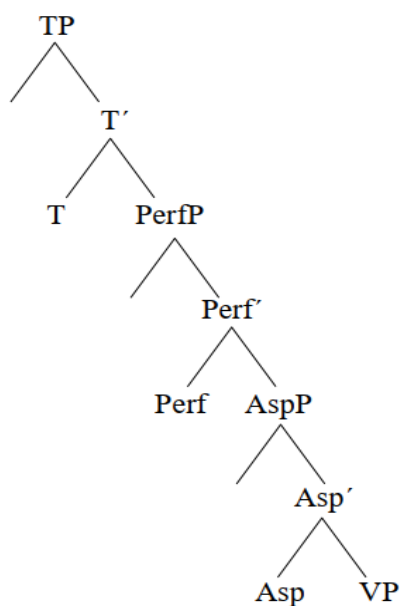
‘Eu já li “Principia Mathematica” cinco vezes.’

O exemplo indica que eu possuo a experiência de já ter lido o livro “Principia Mathematica” várias vezes.

Quando comparados os tipos de *perfect* apresentados por Pancheva (2003) àqueles apresentados por McCawley (1981), temos a seguinte correspondência: de um lado, temos uma relação imediata de um dos tipos de *perfect*, denominado *perfect* universal para ambos os autores; e, de outro, uma correspondência entre o *perfect* de resultado e o *perfect* experiencial propostos por Pancheva (2003) e o *perfect* existencial proposto por McCawley (1981).

Embora haja uma diferença semântica entre os tipos de *perfect*, conforme a exposição acima busca evidenciar, propostas representacionais, como a de Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003), sugerem um único nóculo de *perfect* (PerfP) na árvore sintática. Vejamos essa representação sintática na figura (2) a seguir.

Figura 2: Representação sintática contendo somente um sintagma de *perfect*.

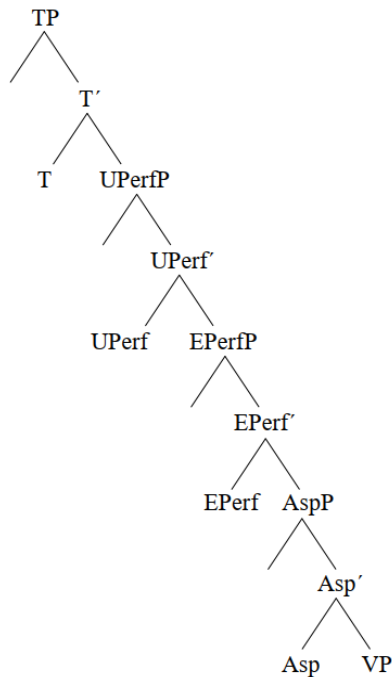


Fonte: Alexiadou, Rathert e von Stechow (2003, p.7).

Já autores como Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018) propõem, a partir da classificação binária de *perfect* adotada por McCawley (1981) e da análise da realização morfosintática desses tipos de *perfect* em diferentes línguas, que seriam necessários dois nóculos sintáticos para o aspecto

perfect: o UPerfP, que abrigaria o traço [contínuo], e o EPerfP, que abrigaria o traço [resultativo]. Nespoli (2018) ainda afirma que o nóculo UPerfP dominaria o nóculo EPerfP na representação sintática, já que, para a autora, o traço [resultativo] seria mais básico quando comparado ao de [contínuo], sendo necessária a ativação daquele para a veiculação de ambos os tipos de *perfect*. Vejamos essa representação sintática na figura (3) a seguir.

Figura 3: Representação sintática contendo dois sintagmas de *perfect* e com a hierarquia UPerfP > EPerfP.



Fonte: Nespoli (2018, p.153).

Devemos destacar que assumimos, nesta pesquisa, que a representação sintática de *perfect* deve ser a mesma para todas as línguas, seja ela conforme a estabelecida na figura 2, na figura 3 ou, ainda, em uma outra proposta representacional, como defendemos mais adiante neste artigo. Tal assunção está alicerçada na Hipótese da Uniformidade de Sigurðsson (2004), segundo a qual todas as línguas são iguais sintaticamente e os níveis linguísticos lexical e fonológico são os únicos responsáveis por diferenciar as línguas naturais. Também destacamos que este trabalho está em consonância com a proposta Cartográfica assumida por autores como Cinque (1999), segundo a qual todas as línguas possuem a mesma configuração estrutural na camada funcional. Em outras palavras, na Cartografia se assume que existam os mesmos sintagmas na camada funcional e a mesma hierarquia entre eles em todas línguas.

Apesar de possuírem a mesma configuração estrutural na camada funcional, as línguas podem divergir na forma como produzem os traços dos sintagmas que a compõem, podendo inclusive não

produzir morfossintaticamente todos eles. No que diz respeito à realização morfológica de *perfect*, como vimos nos exemplos de (2) a (7), o inglês possui uma forma verbal que necessariamente veicula tal aspecto associado ao presente, independentemente do tipo: o *present perfect* ou passado composto (“*to have*” no presente + verbo no particípio).

O PB não parece se comportar da mesma forma que o inglês, pois não apresenta uma única forma verbal para expressar os diferentes tipos de *perfect* associados ao tempo presente (MOLSING, 2010; NOVAES & NESPOLI, 2014; NESPOLI, 2018). Para expressarmos o valor de *perfect* nessa língua, podemos utilizar diferentes morfologias, como podemos ver no quadro a seguir.

Quadro 1: Morfologias veiculadoras dos tipos de *perfect* (segundo a classificação de Pancheva (2003)) associado ao tempo presente no PB.

Tipo de <i>perfect</i>	Morfologia	Exemplo
<i>Perfect</i> Universal	Passado Composto	(8) O vizinho <u>tem recebido</u> o jornal desde 1990. (MOLSING, 2010, p.178)
	Presente Simples	(9) Eu <u>moro</u> no Rio de Janeiro (<u>desde 1990</u>). (NOVAES & NESPOLI, 2014, p.267)
	Perífrases Progressivas	(10) Eu <u>estou morando</u> no Rio de Janeiro. (NESPOLI, 2018, p.278)
<i>Perfect</i> Experiencial	Pretérito Perfeito	(11) <u>Já passaram</u> (com um carro) em cima do meu pé também. (NESPOLI, 2018, p.126)
<i>Perfect</i> de Resultado	Pretérito Perfeito	(12) Ele caiu e <u>entortou</u> o braço. (NESPOLI, 2018, p.126)

Fonte: Elaboração própria.

Como vimos no quadro (1), muitas vezes é necessária a presença de outros elementos na sentença, como advérbios/expressões adverbiais, associados às morfologias citadas para podermos veicular o *perfect* no PB (NOVAES & NESPOLI, 2014; JESUS *et al.*, 2017; NESPOLI & MARTINS, 2018).

Em consonância com a proposta de que haveria uma hierarquia universal para os sintagmas que abrigam os traços funcionais na arquitetura da sentença, assumimos também que os especificadores desses sintagmas abrigariam advérbios/expressões adverbiais que compartilham com os traços do núcleo um valor semântico comum (cf. CINQUE, 1999). Logo, tanto a morfologia quanto os advérbios/expressões adverbiais são instrumentos linguísticos possíveis de serem examinados para termos pistas sobre a representação sintática da sentença. Nesse sentido, é importante revisar propostas apresentadas na literatura acerca dos advérbios/expressões adverbiais que tenham relação com os traços de *perfect*.

Nespoli (2018), ao analisar a associação de advérbios/expressões adverbiais e formas verbais em sentenças com a expressão dos tipos de *perfect* propostos por McCawley (1981), aponta que tanto os advérbios/expressões adverbiais quanto as formas verbais contribuem para o estabelecimento do intervalo PTS citado no início desta seção. Essa autora ainda acrescenta que eventualmente esses advérbios/expressões adverbiais não estão foneticamente realizados, mas conseguem ser claramente recuperados pelo contexto. Logo, mesmo com o apagamento fonético de advérbios/expressões adverbiais, é possível admitir que os traços relacionados ao *perfect* universal e ao *perfect* existencial estejam especificados positivamente em uma sentença. Vejamos os advérbios/expressões adverbiais classificados como veiculadores de *perfect* segundo Nespoli (2018, p.138) no quadro (2).

Quadro 2: Advérbios/expressões adverbiais que ocorrem em contexto de realização de *perfect* universal e *perfect* existencial.

Advérbios/expressões adverbiais	Tipo de <i>perfect</i>
Sempre/Nunca/Ainda/Até X tempo (presente)/ Desde X tempo/Há/Faz X tempo/Ultimamente ⁶	Universal
Já/Nunca/Ainda não	Existencial

Fonte: Nespoli (2018, p.138, adaptado).

Assumindo que os advérbios/expressões adverbiais e as formas verbais têm um papel funcional, estudos de aquisição de linguagem têm se debruçado sobre o exame desses elementos linguísticos para investigar a aquisição de categorias funcionais, buscando identificar, por exemplo, a ordem na qual elas são adquiridas (LESSA, 2015; ARAUJO, 2015, 2018; entre outros). Tais estudos podem

6 Sugerimos que o advérbio “ultimamente” seja retirado desse quadro em função de não poder veicular uma sentença de *perfect* universal que poderia estar associada aos tempos passado e futuro. Já expressões adverbiais como “há/faz X tempo” podem ser conjugadas em diferentes tempos para proporcionar a veiculação do *perfect* universal associado aos diferentes tempos.

contribuir para a compreensão da representação do conhecimento linguístico acerca dessas categorias na mente de um falante adulto.

Nesta pesquisa, assumimos a Hipótese da Construção Estrutural de Guilfoyle e Noonan (1992). Segundo essa hipótese, toda vez que uma categoria funcional é adquirida, uma projeção referente a essa categoria é adicionada à representação sintática estrutural. As autoras ainda afirmam que a introdução de uma nova categoria funcional no sistema linguístico marca a transição de um estágio da gramática para outro. Na maioria dos casos, as mudanças assumem a forma de processos que, nos estágios anteriores, não poderiam acontecer devido à ausência da categoria funcional em questão. Logo, na proposta dessas autoras, temos que categorias funcionais mais acima na hierarquia estrutural da sentença são adquiridas posteriormente àquelas mais abaixo nessa hierarquia.

A respeito da aquisição do aspecto *perfect*, Weist (1997) afirma que a aquisição do *present perfect* no inglês ocorre tardiamente porque essa morfologia necessita de um certo grau de desenvolvimento do sistema de referência temporal⁷. No caso do *present perfect*, o RT (tempo de referência) é simultâneo ao ST (tempo de fala) e possui o ET (tempo do evento) anterior ao RT. O uso dessa morfologia aparenta necessitar um conceito de RT independente de ST e a capacidade de estabelecer ET e RT em diferentes pontos no tempo.

Devemos destacar que Weist (1997) estudou a aquisição da morfologia de *present perfect*. Nesta pesquisa, analisamos a aquisição de *perfect* como resultante da emergência de determinado(s) traço(s), o(s) qual(is) pode(m) ser realizado(s) tanto morfologicamente quanto por advérbios/expressões adverbiais.

Conforme exposto na revisão feita nesta seção, embora haja na literatura uma proposta que assume a existência de dois traços que projetariam sintagmas distintos de *perfect* (NESPOLI, 2018), há também uma proposta que assume a existência de somente um traço que projetaria um único sintagma de *perfect* (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003). Essa última proposta hierárquica motiva a hipótese desta pesquisa de que as emergências do *perfect* universal, do *perfect* experiencial e do *perfect* de resultado associados ao tempo presente se dão simultaneamente na aquisição do PB.

7 Weist (1997) é o único que trata especificamente da aquisição de *present perfect* e apenas nessa língua. Outros estudos sobre a aquisição de *perfect* na língua inglesa, que, diferentemente desse, não se voltaram para o estudo da aquisição do aspecto *perfect* atrelando-o a uma única morfologia, podem ser conferidos em Martins, Rodrigues e Nespoli (2019) e Rodrigues, Martins e Nespoli (2019).

2. Metodologia

Para atingir o objetivo proposto para esta pesquisa, que é investigar a aquisição no PB dos três tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente, foi realizado um estudo de caso de caráter longitudinal. A participante da pesquisa é identificada como AC no presente estudo. Ela possui somente um irmão, seu gêmeo PP, e vive em um bairro de classe média da cidade do Rio de Janeiro com os pais, recebendo visitas constantes dos avós e sendo exposta nesse ambiente somente ao PB. AC frequenta creche desde 1 (um) ano de idade e lá interage com outras crianças da mesma idade, sendo exposta aí também somente ao PB.

A coleta de dados foi realizada através de gravações da fala espontânea e semiespontânea da criança entre a idade de 1 ano e 11 meses, em que ela se encontrava na fase de transição jargão/uma palavra, e a idade de 3 anos e 8 meses, em que ela se encontrava na fase de combinações múltiplas. Entende-se como fala espontânea todas as manifestações de fala realizadas pelo indivíduo sem a necessidade de interferência de outro, ou seja, o sujeito inicia um assunto e persiste nele durante um momento. Já a fala semiespontânea é uma fala mediada por perguntas eliciadoras, como as ocorridas em entrevistas. Esta última foi utilizada em momentos de silêncio ou quando a criança utilizava uma ou pouquíssimas palavras para expressar sua fala.

As gravações foram realizadas com um gravador acoplado a um celular, dentro da casa da criança, durante um momento de brincadeira e interação com a pesquisadora, com o irmão ou com os responsáveis presentes. Os brinquedos utilizados eram pertencentes e escolhidos pela criança, para que a mesma ficasse à vontade para participar da pesquisa. Contação de histórias com o auxílio de livros infantis também foi utilizada como modo de interação criança-pesquisadora ou criança-mãe. As gravações foram realizadas no intervalo de 15 a 35 dias, no máximo⁸, e tiveram duração média total de 1 (uma) hora. Foram realizadas 33 (trinta e três) gravações.

As gravações foram transcritas de forma similar à produção da criança, aproximando-se de uma transcrição fonética em alguns momentos.

Na análise das realizações de *perfect* pela criança, foram excluídas aquelas que aparentavam ser cópias da fala da pesquisadora ou do responsável presente durante as gravações. Foram analisados nas transcrições as realizações morfológicas e os advérbios/expressões adverbiais utilizados em contextos de veiculação de *perfect* no presente.

⁸ As gravações duraram um total de 22 meses, sendo que a periodicidade de gravações a cada 15 dias só foi realizada em 11 dos 22 meses. Nos outros 11 meses, só foi possível realizar 1 gravação em média a cada 30/35 dias.

Na análise dos dados, eventualmente, agrupamos os resultados por idade da criança (por exemplo, fazemos referência aos dados obtidos quando a criança estava com 2 anos e 6 meses) e, nesse agrupamento de dados, poderia haver dados de uma única gravação, como quando a criança estava com 3 anos, ou de duas gravações, como quando estava com 3 anos e 5 meses.

Devemos ressaltar que, para a análise dos dados, consideramos que as produções veiculadoras de *perfect* realizadas pela criança seriam indícios de que o conhecimento linguístico dessa categoria sintática teria sido adquirido ou estaria em processo de aquisição.

3. Resultados e análises

Como já apresentado neste trabalho, o *perfect* não possui uma morfologia específica no PB. Logo, para expressar o *perfect*, os falantes do PB podem utilizar as morfologias de pretérito perfeito, presente simples e perífrases progressivas no tempo presente, as quais também podem veicular outras categorias sintáticas, como os aspectos gramaticais perfectivo e imperfectivo exclusivamente, por exemplo⁹. A veiculação do *perfect* através dessas morfologias é identificada pelo falante/ouvinte a partir das combinações entre a morfologia verbal e alguns advérbios/expressões adverbiais temporais específicos (IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003), como vimos no início dos pressupostos teóricos deste trabalho, e do contexto semântico-pragmático (FONSECA, 2012). Por isso, levamos em consideração também os advérbios/expressões adverbiais e o contexto de uso durante as análises das realizações de *perfect* da amostra.

A participante AC produziu sentenças veiculadoras de *perfect* sem advérbios/expressões adverbiais foneticamente realizados durante toda a amostra. Nesses casos, para diferenciarmos as produções morfológicas que não veiculavam *perfect* daquelas que o veiculavam, realizamos uma análise do contexto, como será ilustrado nos exemplos (8) e (9) a seguir. Vejamos o exemplo (8) abaixo, em que não há a veiculação do *perfect*:

(8) AC 3;06 - Contexto: PP pega um brinquedo que estava nas mãos de AC.

AC: Mas eu tô brincando. Tá comiiiigo.

No exemplo (8), observa-se que AC estava no meio do processo de brincadeira e seu irmão

⁹ A morfologia de passado composto também pode ser utilizada para a veiculação de *perfect* associado ao presente no PB, como exposto no quadro 1 dos pressupostos teóricos. Porém, diferentemente das demais morfologias citadas aqui, o passado composto necessariamente veicula esse aspecto. Em função disso, se tal morfologia aparecesse na amostra, seria classificada como uma expressão de *perfect* independentemente da sua associação a determinados advérbios/expressões adverbiais e ao contexto de uso.

lhe tirou o brinquedo. A sentença “tá comiigo” só evidencia que a situação estava acontecendo no momento de fala. A mesma conclusão não pode ser tirada do contexto do exemplo (9) abaixo (o qual será retomado mais adiante), no qual temos a veiculação do *perfect* pela perífrase progressiva “estar” + gerúndio:

(9) AC 2;11- Contexto: CM manda AC contar o que houve com seu pé.

CM: O que aconteceu com seu pé?

AC: Um mosquito me mordeu no pé ((mostrou o pé)).

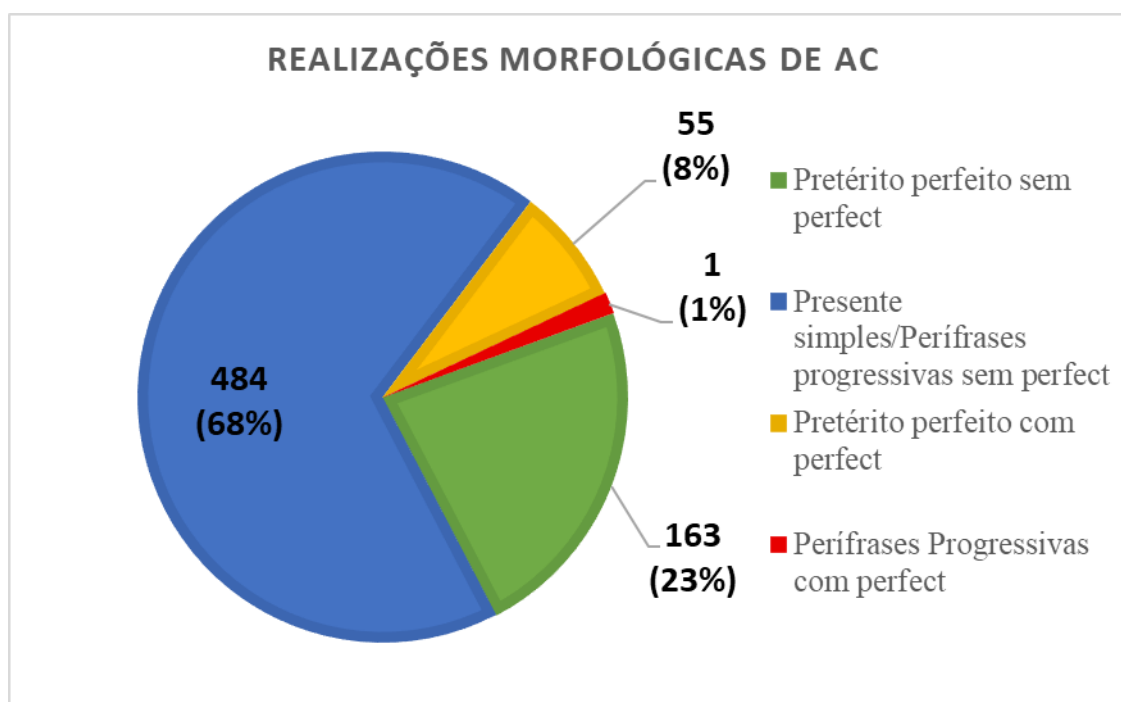
NR: Ai, meu [Deus (sentença exclamativa)]

AC: [Tô tomando] remédio.

Depreende-se da análise do exemplo (9) que a criança não está tomando remédio no exato momento da enunciação, porém ela começou a tomar remédio no momento em que o mosquito lhe mordeu e continua até o momento presente enquanto momento de referência.

Utilizando esse critério, classificamos as produções de AC segundo a morfologia utilizada, analisando se ela veiculava *perfect* ou não. De todas as produções de AC, 484 apresentaram morfologia de presente simples ou perífrases progressivas no presente sem veiculação do *perfect*, 163 apresentaram morfologia de pretérito perfeito sem veiculação do *perfect*, 55 apresentaram morfologia de pretérito perfeito veiculando o *perfect* e 1 apresentou como morfologia uma perífrase progressiva veiculando o *perfect*. O gráfico 1 a seguir mostra o total de produções dessas morfologias por AC.

Gráfico 1: Total de realizações morfológicas que veiculavam ou não o *perfect* nos dados de AC.



Fonte: Elaboração própria.

Após estabelecermos o critério de identificação da veiculação do aspecto *perfect* no *corpus* da participante, podemos analisar a aquisição desse aspecto mais especificamente. A participante produziu 56 ocorrências que classificamos como sendo veiculadoras de *perfect*. A primeira produção veiculadora desse aspecto ocorreu quando a participante se encontrava com 2 anos e 6 meses de idade. No exemplo abaixo, podemos ver essa primeira produção:

(10) AC 2;06 - Contexto: AC e NR estavam montando um castelo de lego.

AC: Doidei ((montei)). Castelo (sentença exclamativa)

NR: Já montou o castelo? (sentença exclamativa) Deixa eu ajudar você, pera aí.

Na situação apresentada em (10), a realização “doidei” foi classificada como sendo veiculadora de *perfect* de resultado, pois temos AC anunciando a montagem de seu castelo de lego, sendo que o castelo pode ser visualizado no momento presente. Ou seja, temos como resultado da montagem do brinquedo um castelo montado. Nesse caso, temos a realização de *perfect* de resultado por meio da morfologia verbal mas não de um advérbio/expressão adverbial foneticamente expresso. Apesar disso, dada a premência do resultado da montagem do castelo no presente, interpretamos que um advérbio/expressão adverbial de *perfect* estivesse mentalmente representado em um nóculo de *perfect* na produção dessa sentença.

Nas nove primeiras gravações em que se evidenciou a produção de *perfect*, constatamos somente produções de *perfect* de resultado. Aos 2 anos e 11 meses, AC produziu sua primeira e única manifestação de *perfect* universal. Vejamos o exemplo (9) retomado em (11) a seguir:

(11) AC 2;11 - Contexto: CM manda AC contar o que houve com seu pé.

CM: O que aconteceu com seu pé?

AC: Um mosquito me mordeu nu pé ((mostrou o pé)).

NR: Ai, meu [Deus (sentença exclamativa)]

AC: [Tô tomando] remédio.

Essa ocorrência foi classificada como *perfect* universal porque AC estava se referindo à ação de ter começado a tomar o remédio no passado (a situação se iniciou no passado, mais especificamente após a picada do inseto) e de ainda estar tomando remédio (a situação persiste até o momento presente). A morfologia progressiva foi utilizada para enfatizar o fato de que a situação de “tomar remédio” persiste até o momento de referência (presente) e não para evidenciar uma situação em progresso no exato momento de referência, uma vez que AC não estava tomando seu remédio no momento de fala.

Aos 3 anos, AC produziu as primeiras manifestações do *perfect* do tipo experiencial. A seguir, temos ilustrada uma dessas manifestações:

(12) AC 3;00 - Contexto: AC encontra o ioiô.

AC: Em mim, já bateu isso. O ioiô.

No caso do exemplo (12), AC conta para NR que o ioiô já bateu nela. Ou seja, temos uma situação que se iniciou e terminou no passado (o ioiô ter batido nela) que tem como relevância no presente a experiência de já ter se machucado com o brinquedo. Como essa situação deu origem a uma experiência, classificamos essa ocorrência como sendo veiculadora de *perfect* experiencial.

Somente aos 3 anos e 5 meses, AC voltou a produzir uma sentença veiculadora de *perfect* experiencial. Abaixo, podemos ver essa produção:

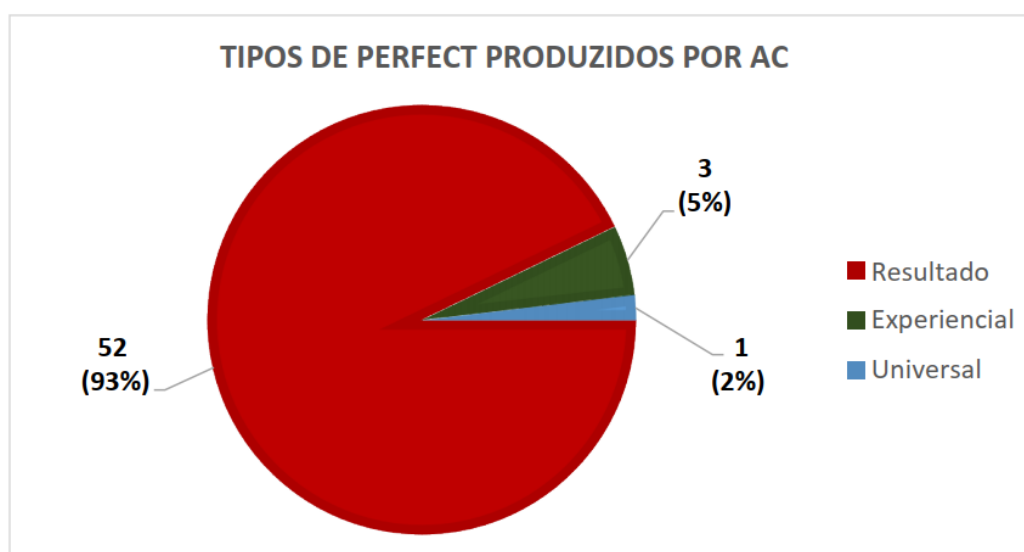
(13) AC 3;05 - Contexto: AC fala com sua avó sobre algo.

AC: A tia Naná ainda num viu.

No caso do exemplo (13), AC fala para sua avó que a pesquisadora não teve a experiência de ter visto algo. Ou seja, temos uma situação que não ocorreu no passado (a tia Naná ter visto algo) que tem como relevância no presente a falta de experiência de ter visualizado alguma coisa importante naquele contexto. Como essa situação deu origem a uma experiência (ou, mais precisamente, à ausência de experiência, pelo fato de estar na negativa), classificamos essa ocorrência também como sendo veiculadora de *perfect* experiencial.

Durante as 33 gravações, considerando-se as ocorrências de *perfect* segundo a classificação de Pancheva (2003), AC produziu 52 sentenças que classificamos como veiculadoras de *perfect* de resultado, 1 de *perfect* de universal e 3 de *perfect* experiencial, conforme apresentado no gráfico 2 exposto a seguir.

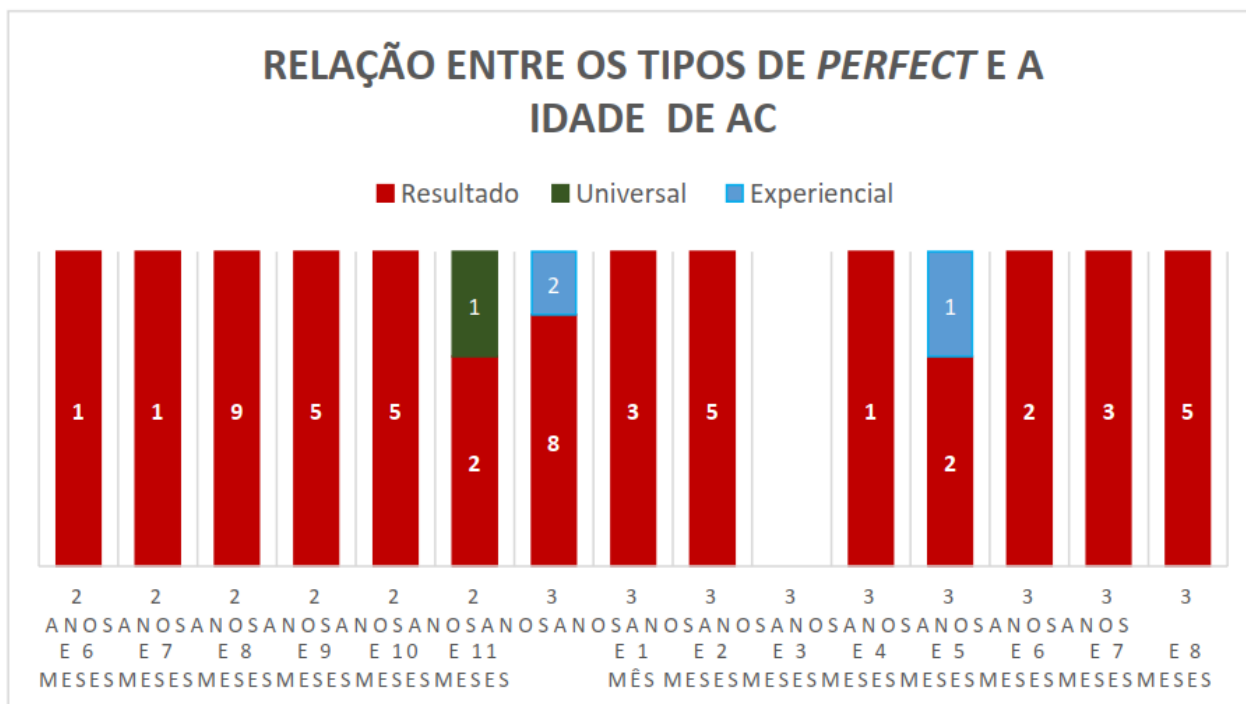
Gráfico 2: Tipos de *perfect* produzidos por AC.



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 3 a seguir mostra como ocorreu longitudinalmente a produção de sentenças veiculadoras de *perfect* por AC. Para fins de exibição dos resultados no gráfico, agrupamos as ocorrências de *perfect* obtidas em todas as gravações feitas quando a criança tinha a mesma idade (em geral, duas gravações).

Gráfico 3: Realizações de *perfect* por AC extraídas longitudinalmente.



Fonte: Elaboração própria.

Como apresentado, AC produziu, inicialmente, somente *perfect* de resultado e, mesmo quando passa a produzir os outros tipos, a quantidade de produção daquele tipo de *perfect* foi majoritária. Esses dados corroboram a proposta de Nespoli (2018), na qual se propõe que o traço [resultativo] seria mais básico quando comparado ao traço [contínuo], sendo aquele valorado em sentenças com os diferentes tipos de *perfect* e este valorado positivamente somente na veiculação de *perfect* universal.

Destacamos a importância de pontuar que a aquisição do traço linguístico [resultativo] não se confunde com a informação aspectual semântica de completude observada, por exemplo, nos eventos télicos¹⁰. Esta informação se mostra relevante para a aquisição dos aspectos perfectivo e imperfectivo. Estudos que se coadunam com a ideia de que são os traços semânticos inerentes ao verbo que motivam

10 Os eventos télicos são aqueles que possuem um final/meta inerente. Quando a meta é alcançada, ocorre uma mudança de estado e o evento está completo (SMITH, 1997). Kratzer (1994 *apud* PANCHEVA, 2003, p.278) postula que somente os eventos télicos possuem um resultado natural associado a eles. O telos é o “ponto de mudança” que proporciona a transição de eventos télicos para um estado de resultado.

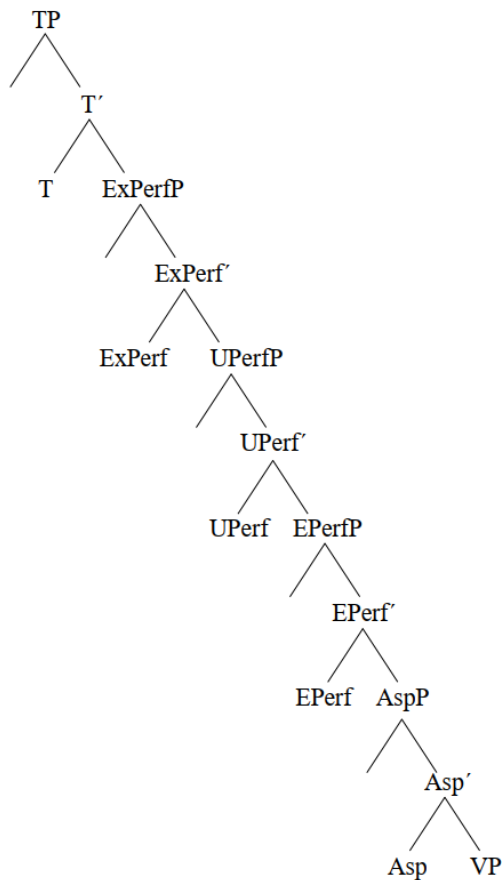
a aquisição morfológica postulam que o traço de completude motiva os usos das morfologias verbais no início do processo de aquisição (ANTINUCCI & MILLER, 1975; ANDERSEN, 1989; ANDERSEN & SHIRAI, 1996). No entanto, esse traço teria relação com a possibilidade de uma criança primeiramente poder visualizar o produto de um evento. Por outro lado, o traço [resultativo] que propomos aqui, enquanto aquele que instancia o *perfect*, promove uma relação entre um momento e outro, que o precede, abrindo um intervalo de tempo que possibilita a relação entre dois pontos no tempo diferentes.

A primeira produção de *perfect* universal só ocorreu 5 meses após a primeira produção de *perfect* de resultado. Logo, baseando-se nos dados de AC e na proposta de aquisição de categorias funcionais por nódulos mais baixos da hierarquia estrutural da sentença (GUILFOYLE & NOONAN, 1992), corroboramos a proposta de Nespoli (2018) com relação à dissociação e hierarquia entre os nódulos de *perfect* existencial e universal, com dominância deste em relação àquele, aqui entendido como *perfect* de resultado.

Somente aos 3 anos, vemos a primeira produção de AC veiculadora de *perfect* experiencial. Esse dado nos leva a crer que haja não somente dissociação entre *perfect* de resultado e universal, como também entre *perfect* de resultado, universal e experiencial. Além disso, em consonância com o defendido no parágrafo anterior, propomos que o nódulo de *perfect* experiencial, por ser o último a ser adquirido pela criança, dominaria os nódulos dos demais tipos de *perfect*.

Assim, associando os dados encontrados no *corpus* de AC às propostas de Guilfoyle e Noonan (1992) e Nespoli (2018), temos a seguinte estrutura arbórea:

Figura 4: Representação sintática contendo três sintagmas de *perfect* e com a hierarquia ExPerfP > UPerfP > EPerfP.

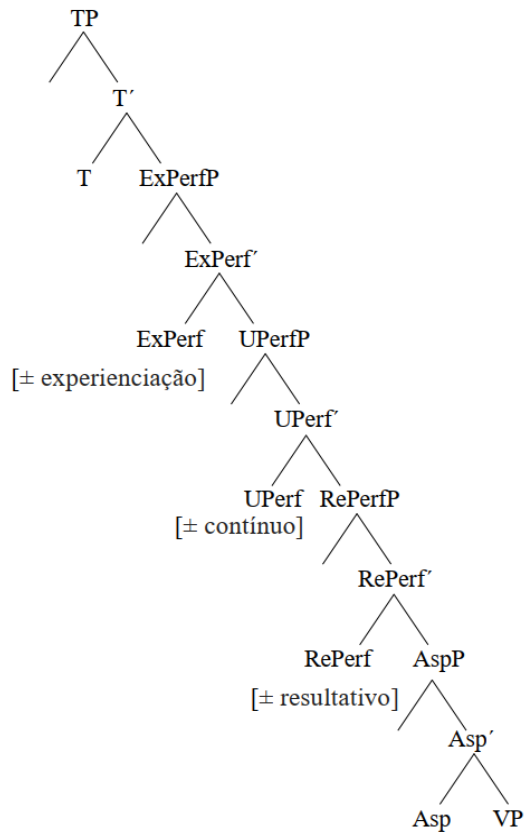


Fonte: Elaboração própria.

O nóculo de *perfect* experiencial (ExPerfP), que propomos neste estudo, abrigaria o traço [experienciação]. Ainda, segundo essa proposta, o traço [resultativo], por ser mais básico, estaria valorado positivamente na veiculação dos três tipos de *perfect*; o traço [contínuo], somente na veiculação do *perfect* universal; e o traço [experienciação], somente na veiculação do *perfect* experiencial.

Quanto ao rótulo usado para referir-se ao nóculo de *perfect* de resultado, para evitar possíveis confusões de nomenclatura com o nóculo ExPerfP e para torná-lo mais compatível com o traço [resultativo] abrigado em seu núcleo, sugerimos a troca de EPerfP por RePerfP. Logo, temos agora a seguinte representação sintática:

Figura 5: Representação sintática contendo os sintagmas de *perfect* propostos nesta pesquisa com a hierarquia ExPerfP > UPerfP > RePerfP e seus respectivos traços.



Fonte: Elaboração própria.

Salientamos que a dissociação entre *perfect* de resultado, *perfect* universal e *perfect* experiencial exposta na figura (5) está em consonância com a proposta de tipos de *perfect* feita por Pancheva (2003). Além disso, sustentamos que os traços [resultativo], [contínuo] e [experiencição], respectivamente, são de naturezas sintático-semânticas distintas, o que ratifica a pertinência de dissociação estrutural entre esses três tipos de *perfect*. Essa dissociação semântica pode ser depreendida, por exemplo, a partir da percepção de independência entre as noções de resultado e de experiência: é possível termos um evento que veicula *perfect* de resultado que não seja resultante de uma experiência vivida por alguém em um determinado momento. Um exemplo disso pode ser visto no exemplo (10) desta pesquisa: na situação de “montar um castelo”, temos como elemento relevante da situação um resultado, que é o castelo montado, e não uma experiência. Nesse caso, temos a valoração positiva do traço [resultativo], mas não do traço [experiencição].

Quanto à hierarquia exposta na figura (5), na qual RePerfP é o mais baixo dentre os três nódulos de *perfect*, destacamos que embasamos essa proposta hierárquica na aquisição mais precoce do [resultativo] pela criança, revelada em sua produção inicial de *perfect* – em quantidade bastante

expressiva e por 5 meses – apenas pelo *perfect* de resultado. No entanto, pontuamos que há um ponto de fragilidade na proposta de hierarquia revelada na figura (5) que diz respeito à dominância de ExPerfP em relação a UPerfP. Essa fragilidade se dá em função do fato de as produções de *perfect* universal e experiencial terem ocorrido quando a criança estava com idade muito aproximada (respectivamente, 2 anos e 11 meses e 3 anos) e em um período em que as gravações foram feitas com um espaçamento temporal maior do que o efetuado em outros momentos da amostra. Como apresentado na seção referente à metodologia desta pesquisa, realizamos parte das gravações a cada 15 dias, mas, a partir dos 2 anos e 11 meses, o espaçamento entre as gravações aumentou para cerca de 30 dias, de modo que só houve uma gravação da criança com 2 anos e 11 meses e uma com 3 anos. Esse aumento do espaçamento entre as gravações ocorreu em um momento crucial para a pesquisa, já que acreditamos que foi nessa fase que os traços [contínuo] e [experienciação] estavam emergindo. Com isso, é possível que alguma realização de *perfect* experiencial tenha ocorrido antes da realização de *perfect* universal, mas não tenha sido capturada em nossas amostras.

Logo, acreditamos que os resultados obtidos nesta pesquisa sustentam a proposta de dissociação entre ExPerfP, UPerfP e RePerfP e a proposta de hierarquia entre esses nódulos, especialmente no que diz respeito à posição de RePerfP como aquele dominado pelos demais. No entanto, ponderamos sobre a possibilidade de dominância de ExPerfP com relação a UPerfP.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a aquisição no PB dos tipos de *perfect* propostos por Pancheva (2003) associados ao tempo presente. Para tanto, realizou-se um estudo de caso com dados extraídos longitudinalmente de uma criança adquirindo essa língua. A hipótese sugerida para esta pesquisa foi de que as emergências do *perfect* de resultado, do *perfect* universal e do *perfect* experiencial associados ao tempo presente se dariam simultaneamente na aquisição do PB.

A partir dos dados obtidos neste estudo, refutamos a hipótese proposta para esta pesquisa. A refutação da hipótese deu-se em função do fato de, inicialmente, AC ter produzido apenas sentenças veiculadoras de *perfect* de resultado, expandindo, posteriormente, sua produção para os tipos universal e experiencial, nessa ordem.

Os resultados de AC indicaram que há uma dissociação entre esses três tipos de *perfect*. Assim, acrescentamos à representação estrutural de *perfect* um nódulo equivalente ao *perfect* experiencial (ExPerfP), o qual carregaria o traço [experienciação], ampliando a proposta de representação estrutural desse aspecto proposta por Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), a qual já previa a existência

de dois núdulos para *perfect*, UPerfP e EPerfP, responsáveis pelos traços [contínuo] e [resultativo], respectivamente.

Com base na ordem de emergência dos tipos de *perfect*, propomos a seguinte estrutura hierárquica para os núdulos de *perfect*: ExPerfP > UPerfP > RePerfP. Salientamos que esse último equivaleria ao EPerfP de Nespoli (2018) e Nespoli e Martins (2018), tendo como motivação para essa nomenclatura a maior transparência entre o rótulo dado ao sintagma e o traço abrigado em seu núcleo.

Além disso, como o traço [resultativo] foi adquirido primeiramente, propusemos que ele seja mais básico quando comparado aos traços [contínuo] e [experienciação] e que ele seja ativado positivamente para a veiculação dos três tipos de *perfect*.

Apesar de termos defendido a necessidade de dissociação entre os tipos de *perfect* de resultado, universal e experiencial e proposto uma hierarquia para esses núdulos a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, questionamos a hierarquia entre os núdulos UPerfP e ExPerfP. A presença de somente uma sentença veiculadora de *perfect* universal e a emergência dessa muito próxima temporalmente à emergência da primeira ocorrência de *perfect* experiencial nos fizeram crer que haveria uma possibilidade de inversão dos núdulos ExPerfP e UPerfP.

Devido a essa dúvida e ao fato de esta pesquisa ter examinado a produção de uma única criança monolíngue e, portanto, a aquisição de uma única língua, destacamos que novas pesquisas precisam ser realizadas. Sugerimos como desdobramentos deste estudo pesquisas com dados de mais crianças e, ainda, crianças adquirindo outras línguas, para investigar, por exemplo, a dominância entre os núdulos ExPerfP e UPerfP.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. Introduction: the modules of perfect constructions. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. v-xxxviii.

ANDERSEN, R. La adquisición de la morfología verbal. **Linguística**, Caracas, v.1, p.89-141, 1989.

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (ed.) **Handbook of second language acquisition**. California: Academic Press, 1996.p. 527-560.

ARAUJO, T.S.N. **Aquisição de aspecto no português brasileiro**. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

ARAUJO, T.S.N. A aquisição da morfologia verbal no PB e categoria de aspecto. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.89-105, set.-dez.2018.

ANTINUCCI, F.; MILLER, R. How children talk about what happened. **Journal of Child Language**, Cambridge, v.3, p. 169-189, 1976.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.

FONSECA, M.C.M. Descrição da oposição present perfect vs. simple past. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.44, p.259-77, 2012.

GUILFOYLLE, E.; NOONAN, M. Functional categories and language acquisition. **Canadian Journal of linguistics/ Revue Canadienne de linguistique**, Cambridge, v.37, n.2, p.241- 72,1992.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

JESUS, J. L. et al. O aspecto *perfect* no português do Brasil. **Travessias Interativa**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 511-526, jul.-dez. 2017.

LESSA, A.T.M. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem**. 2015. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

MARTINS, A.L.; RODRIGUES, N.P.S.; NESPOLI, J.B. **O aspecto *perfect* no inglês americano: uma análise à luz da aquisição de linguagem**. IX Conferência Linguística e Cognição: Diálogos Imprescindíveis, PUC Minas, 2019.

MCCAWLEY, J.D. Notes on the English Present Perfect. **Australian Journal of Linguistics**, v. 1. p. 81-90. 1981.

MOLSING, K. Reflexões teóricas sobre o passado composto. **Revista Letras**, Curitiba, n. 81, p. 177-191, mai./ago. 2010.

NESPOLI, J.B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018.

NESPOLI, J.B.; MARTINS, A.L. A representação sintática do aspecto *perfect*: uma análise comparativa entre o português e o italiano. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.60, n.1, 2018.

NOVAES, C. V.; NESPOLI, J. B. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014.

PANCHEVA, R. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHER, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

RODRIGUES, N.P.S.; MARTINS, A.L.; NESPOLI, J.B. **Aquisição de perfect no inglês americano**. ABRALIN 50 – Linguística na Contemporaneidade: Desafios, debates e propostas, Maceió, 2019.

SIGURÐSSON, H. A. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p. 235-259, 2004.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer, 1997.

WEIST, R.M. Tense and Aspect. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (ed.). **Language acquisition: Studies in first language development**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1997. p.356-74.